

AQUELE QUE MORREU INTERPELA-VOS. HOMENAGEM PÓSTUMA A PIERRE BOURDIEU (1930-2002)

BOURDIEU: UMA SOCIOLOGIA PARA O SÉCULO XXI?

João Teixeira Lopes*

A herança

Há pelo menos quatro legados da obra Bourdieu que transportam a difícil marca do que é perene. Falo, antes de mais, da amplitude dos domínios analisados: bens culturais e simbólicos, práticas culturais, instituição universitária, arte, sistemas económicos, mercado escolar, epistemologia e sociologia da sociologia, produção e reprodução da própria prática social, linguagem. Na investigação de todos estes campos, contudo, jamais perpassou a ideia de qualquer dispersão superficial ou facilitismo. Havia (há) em Bourdieu – é impossível negá-lo, em particular a partir do momento (1968) em que funda o seu próprio centro de investigação (o *Centre de Sociologie Européenne*), em abrupta ruptura com Raymond Aron e a sua revista (*Actes de La Recherche en Sciences Sociales* – 1975) –, a preocupação, legítima, mas porventura obsessiva, de delimitar a *sua* sociologia, inventando, na melhor tradição do verbo, um feixe conceptual de enorme riqueza heurística (*habitus*, *campo*, *illusio*, *violência* e *poder simbólicos*), recriando sentidos originários do latim e do grego, importando/transpor-

* Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

tando significados de outras áreas do saber (como a economia ou a história da arte), traduzindo uma apropriação reflexiva e erudita da história do pensamento ocidental. Tal campo relacional de conceitos permitiu, desde cedo, a tessitura de um fio condutor e unificador das suas investigações, conferindo-lhes uma rara força e coerência. O reverso da medalha encontrar-se-á na crítica frequente, talvez fundamentada, de uma excessiva intertextualidade da sua escola: predominam nas suas obras as citações do próprio Bourdieu e discípulos. Um terceiro traço de perenidade reside no paralelismo entre a aguda imaginação teórica e o ecletismo metodológico que sempre revelou, como que a demonstrar que uma sociologia que recusa os determinismos e os raciocínios unidimensionais requer exigentes metodologias relacionais e ecléticas. Logo numa das suas primeiras obras, *Un Art Moyen. Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie*, Bourdieu e os seus companheiros utilizaram, para além do inquérito por questionário, a elaboração de monografias, entrevistas não directivas e, ainda, a análise de conteúdo de *corpus* de fotografias. Finalmente, o quarto aspecto constitui, a meu ver, o ponto de vista original de Bourdieu: o combate (a sociologia, como anuncia o título de um filme sobre a sua vida, «é um desporto de combate») aos mecanismos múltiplos que geram a desigualdade social e às diferentes modalidades e metamorfoses da sua legitimação e perpetuação. O ódio de Bourdieu à «amnésia social» da génese das práticas, à mística patente, por exemplo, no milagre carismático da assinatura de um autor que transfigura o estatuto (e o preço) da obra de arte, as artes de dissimulação da violência dos poderosos, a sacralização de quem sacraliza e, acima de tudo, a persistente teimosia dessa crença nas regras do jogo – *illusio* –, condição indispensável quer à manutenção do próprio jogo, quer ao reconhecimento da existência social de quem joga, ainda que em situação de dominação ou de extrema debilidade.

Eis o mote: dessacralizar o mundo social enquanto tomada de consciência de que essa mesma sacralização, qual suprema alienação, é produto, quase sempre desconhecido, do próprio mundo social, embora aproveitando a poucos, muito poucos, necessariamente aos que dominam as ferramentas simbólicas da autolegitimação e universalização de uma visão estritamente particular do espaço social. Neste sentido, a sociologia de Bourdieu é intrinsecamente iconoclasta e herege: não preserva mestres, ícones ou símbolos da vasta galeria de interditos e não-ditos das sociedades hodiernas.

Contudo, em potencial paradoxo, o horror de Bourdieu à lógica que se alimenta de díades (e daí a sua recusa das ideias puras, das aporias infecundas e dos essencialismos ou naturalizações obscuras dos mecanismos de constituição das sociedades e da prática) poderá comprometer, em particular se persistirem usos inflexíveis do seu património científico (os seus *berdeiros*), a aplicação heurística da sua teoria. Importa, porventura, ser mais explícito e lançar mesmo a questão: a sociologia de Bourdieu é uma sociologia para o século XXI?

As dificuldades

À partida existem alguns motivos de dificuldade. De facto, Bourdieu consagra pouca reflexão a alguns dos temas que, hoje mais do que nunca, ameaçam marcar o futuro que não pára de começar. Um desses temas foi ainda parcialmente colmatada por Bourdieu. Refiro-me às questões de género, tão ausentes em vários aprofundamentos da sua teoria da dominação e à forma como se entrelaçam, no espaço social, mecanismos de diferenciação de classe e de género, sendo que estes últimos, como vasta produção científica tem demonstrado, possuem configurações e efeitos autónomos e específicos.

Bourdieu escreveu *A Dominação Masculina* e, com admirável fulgor analítico, deteve-se nos processos de «somatização das relações sociais de dominação» com origem na divisão sexual do trabalho e fortemente consolidadas através de um «formidável trabalho colectivo de socialização difusa e contínua»¹. No entanto, deixa perpassar a ideia de uma identidade feminina permanente heterónoma e/ou outorgada: para além de várias referências ao «permanente estado de insegurança corporal» das mulheres, com fundamentos mais gerais que poderão ser encontrados em *Esquisse d'une théorie de la Pratique*, o autor salienta a definição da condição feminina enquanto *ser-percebido* ou apreendido pelo olhar e ponto de vista dos demais. São claras as palavras: as mulheres «existem antes de mais por e para o olhar dos outros»². De uma assentada, emerge o círculo da dominação, qual labirinto de onde os dominados jamais

¹ Vd Pierre Bourdieu (1999) *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora, 20

² Idem, *ibidem*, 57

encontrarão a saída. A ilegitimidade – social, de género, cultural ou política – encerra todos aqueles que a transportam numa negatividade essencial: os excluídos, os não-cultos, os despossuídos. Dito de outra forma, em *A Dominação Masculina* como em outras obras, perpassa a «subestimação da capacidade reflexiva dos actores»³, questão que radica num dos pontos nevralgicos da sua Teoria: o abismo («ruptura epistemológica») proclamado entre as acções e as representações espontâneas dos actores (tidas como «um conhecimento que não se conhece» e que, por isso mesmo, é frequentemente ilusório e ratificador das narrativas que naturalizam o social) e o conhecimento científico. Ora, não serão as mulheres agentes sociais dotados de margens de possibilidade de uma acção autónoma, mesmo num contexto geral de subalternidade? Não existirão «ocasiões» de perturbação do arbítrio cultural e de «ricochete» do poder e da violência simbólicos hegemónicos? Não serão viáveis discursos e práticas que, conscientemente, escapam às teias supostamente inexpugnáveis da dominação patriarcal? Será, enfim, que nada muda?

Escrevi, em ocasião anterior, que o cepticismo metódico de Bourdieu face mesmo aos visíveis indicadores empíricos de transformação radicam na idealização meticulosa de «uma arquitectura sobre a improbabilidade das transformações radicais»⁴. Mas tal pessimismo, que contrapõe ao fatalismo genético uma espécie de fatalismo sociológico, pode significar cegueira. O século XX, na Europa Ocidental e, com particular vigor, em França, assemelhou-se a um desfile de conquistas históricas para a (re)definição da condição feminina: direito de voto (1944); ensino misto (1959); supressão da tutela marital (1965); obtenção da autoridade parental conjunta (1970) e do divórcio por mútuo consentimento (1975); liberalização do aborto (1975); repressão juridicamente acrescida da violação (1980); proclamação da igualdade profissional (1983); igualdade dos cônjuges perante a gestão do património (1984); paridade política (1999).⁵

³ Vd. Philippe Corcuff (2002). «Respect Critique», *Sciences Humaines – L'Oeuvre de Pierre Bourdieu*, número spécial, 66.

⁴ Vd. João Teixeira Lopes (2001). «Do círculo da dominação ao 'milagre' do amor», *Cadernos de Ciências Sociais*, 21-22, 225.

⁵ Inventário apresentado por Nicolas Journet (2002) a partir de Laurent Mucchielli. «Est-il vrai que rien ne change?», *Sciences Humaines – L'Oeuvre de Pierre Bourdieu*, número spécial, 67.

Persiste, é certo, uma profunda descoincidência entre o ordenamento jurídico (as célebres mudanças «por decreto») e o mundo das práticas sociais, mas, mesmo em atraso, estas não deixam de reflectir as inovações introduzidas, podendo, no limite, propiciar ressocializações ou mesmo a produção de *habitus* novos

Por outro lado, o princípio unificador da Teoria de Bourdieu, raiz primeira do «espírito de escola» que ele tanto criticou, encontra correspondência num outro princípio unificador, o *habitus*, motor de coerência das práticas sociais e da interiorização das estruturas do mundo social, máquina reprodutora desse mundo em sucessivas exteriorizações homólogas (percepções, atitudes, gestos, posturas, estilos, gostos...) de uma posição original no espaço social estruturado em campos. Apesar do autor recusar a sua assimilação a um destino social e de salientar a sua abertura a novas aprendizagens suscitadas pela trajectória social, torna-se difícil, há que reconhecê-lo, abordar fenómenos emergentes, como o da multiplicidade de identidades num mesmo agente social

Ora, como refere Miguel Vale de Almeida, a «crise pós-colonial e pós-nacional» cria uma série de sujeitos-outros que, pelo seu cariz híbrido e de fronteira, dificilmente podem ser analisados nos parâmetros tendencialmente fixistas do *habitus*. O migrante ou o membro de uma diáspora estão irremediavelmente situados entre uma origem (real ou imaginária) e uma chegada, fazendo parte de grupos de pessoas «que são, como diria Salman Rushdie, 'irremediavelmente traduzidas': aquelas pessoas ou grupos que vivem em circuitos internacionais, partilhando de duas ou mais culturas, ou que são o resultado de identidades culturais híbridas»⁶. Atente-se na complexificação que tais fenómenos conferem às nossas sociedades pós-coloniais, acrescentando novas coordenadas de localização no espaço social, para além de variáveis como a classe social, o género, a etnia e a idade ou ciclo de vida. Se, por um lado, há uma ordem social a fazer («um patrão e um operário tinham já estabelecido um 'protocolo' para conflitos e negociações, um nacional e um estrangeiro estão ainda a construí-los»⁷), por outro, anuncia-se o fim de um mito sempre ilusório da «correspondência entre um território, o exercício da soberania por um Estado, uma língua nacional e

⁶ Cf. Miguel Vale de Almeida «Estado-nação e multiculturalismo», *Manifesto*, 1, 67

⁷ Idem, *ibidem*, 69

um povo»⁸, fazendo explodir o conceito de cultura no singular, abrindo portas e janelas, ainda que sob resistências e violências várias e poderosas, à contaminação, cultural, à importação/exportação de significados, enfim, aos fenómenos de crioulagem e às identidades múltiplas e/ou de fronteira

Estas identidades pluricompostas, aliás, não se jogam apenas na esfera da relação interétnica. Em estudo recente⁹ constatei, em fracções de classe altamente favorecidas em termos de capital cultural objectivado, incorporado e institucionalizado, a pluralidade de «mundos da vida» em que se movem alguns dos agentes hipermóveis das novas classes médias urbanas intimamente ligadas a funções de intermediação cultural. A circulação incessante por papéis sociais diferenciados e perpassando vários campos, a acumulação de repertórios culturais de distintas proveniências, a multiplicação de estilos de vida e de formas de apresentação em público (tornando menos cristalina a leitura da provável ligação entre uma determinada posição social e um leque de práticas), a diversificação de redes de sociabilidade extensas aumenta, inexoravelmente, a gama de possíveis na prática social, não conduzindo, ao contrário do que afirmam alguns pós-modernos, para a experiência do caos, da desordem e da esquizofrenia, mas sim a uma recomposição, com novas regras, do espaço social onde a permeabilidade à novidade e à mobilidade (física, social, simbólica) adquire contornos inéditos. Exige-se, por isso, uma reconceptualização dos conceitos de *habitus* e de *campo*, tornando-os mais operativos, o que significa, necessariamente, uma adequação à plasticidade das situações sociais.

Penso que Bernard Lahire¹⁰ desenvolve argumentos na mesma direcção, ao considerar que as situações e os contextos de interacção («domínio de práticas, esfera de actividade, microcontexto, tipo de interacção...»)¹¹ requerem disposições diferenciadas. Distanciando-se da tese fundamental da teoria da prática de Bourdieu, segundo a qual, em sucintas palavras, a lógica do discurso e da sua prática ocorrem no momento mesmo, «quase-corporal», da sua produção, Lahire considera a possibilidade do agente accionar recursos reflexivos nas suas práti-

⁸ *idem*, *ibidem*, 62

⁹ Vd. João Teixeira Lopes (2002) *A Cidade e a Cultura*, Porto: Afrontamento

¹⁰ Vd. Bernard Lahire (1998) *L'Homme Pluriel. Les Ressorts de l'Action*, Paris: Nathan

¹¹ Vd. Bernard Lahire (2002) «Prolonger le travail de Bourdieu: des attitudes à la théorie», *Sciences Humaines - L'Œuvre de Pierre Bourdieu*, numéro spécial, 89

cas quotidianas, inscrevendo a reflexão na acção. Basta, aliás, pensar nas práticas anódinas de escrita (agendas, pequenas notas, listas...). Importa, por isso, no modelo de *bomem plural*, testar empiricamente, em processos sociais concretos, o grau de homogeneidade e de heterogeneidade do sistema de disposições incorporados, restituindo operacionalidade ao conceito de habitus, fecundando-o com os processos múltiplos e por vezes contraditórios de construção social e cultural das identidades.

Finalmente, gostaria de enunciar uma outra porta aberta pela investigação empírica que permite prolongar criticamente o trabalho de Bourdieu. Refiro-me às novas regras de funcionamento do campo escolar, de que me ocupei em trabalho anterior¹². Ao estudar as escolas secundárias do Porto – os «liceus» – constatei como era possível aplicar com sucesso e em abstracto o modelo bourdiano da teoria dos campos e, em particular, do campo escolar, desde que alterando as suas concretizações. Explico: se o conceito de campo (com o conjunto conexo e articulado de conceitos, tais como o de sistema de posições em conflito pelo monopólio da «verdade legítima» nesse espaço, o de «capital específico», de «instâncias de consagração», de «illusio», de «efeito de campo» ou de «regras do jogo») me pareceu heurísticamente fecundo (ainda que matizado pela teoria da estruturação de Giddens e pelas observações de Goffman sobre a regionalização das interacções), a dinâmica da pesquisa obrigou-me a reformulações parcialmente imprevistas.

Centrar-me-ei em três dimensões: em primeiro lugar, o capital escolar (capital específico do campo em análise, inerente a um «efeito de campo») afigura-se como um «um *capital de sociabilidade*, caracterizado pela (im)possibilidade de estabelecer relações sociais rentáveis. E não se pense que essa instrumentalidade se encontra associada ao sucesso escolar: é mais valorizado um aluno que domine os códigos mais ou menos implícitos da apresentação legítima no cenário escolar (sabendo mobilizar *de forma competente*, isto é, passível de *reconhecimento*, uma panóplia de símbolos e de rituais), do que aquele que, apesar de brilhante aluno, se encontra em situação de desapossamento dos códigos necessários para uma produção e recepção competentes de significados, condição equivalente a uma situação de *anomia* para o campo em

¹² Vd. João Teixeira Lopes (1996) *Tristes Escolas*, Porto: Afrontamento.

causa»¹³ Em segundo lugar, constataram-se processos de elaboração de perfis de contra-dominância simbólica por parte de alunos oriundos das camadas populares, em parte com sucesso. O campo escolar permite, então, a coexistência de estilos díspares, de recursos «fracos» que, em certas «ocasiões» se revelam «fortes» (exemplo presente nos usos da linguagem, do vernáculo, da dicção «tripeira», construção/narrativa sociocultural de legitimação de comportamentos desviantes, alternativos e heterodoxos). Em terceiro lugar e, porventura, mais importante, sobressai a perda por parte dos alunos na «crença colectiva no jogo (illusio)», tal como Bourdieu e Passeron o entenderam. A instrumentalização da obtenção do diploma, a substituição do cariz propriamente escolar do capital escolar por um centramento na ética convivial e de diversão, a perda, enfim, para uma fracção significativa dos jovens das novas classes médias urbanas, do poder simbólico da instituição, já que as gramáticas de percepção e formação do sentido são como que *outorgadas* a outras instâncias socializadoras (grupos de pares, mass media, tecnologia audiovisual) afiguraram-se-me como tendências pesadas de funcionamento do campo escolar.

Qual a razão para o sucedido? Vislumbro uma, tão simples como essencial: a realidade mudou (em particular no que se refere à interacção entre as formas de estruturação das culturas juvenis e a lógica do capitalismo avançado nas suas múltiplas dimensões – escola, lazer e consumo, emprego, família...) e a teoria, quando não entendida como uma «camisa de forças» e respeitando «os constrangimentos, recursos e processos dotados de lógicas específicas»¹⁴ dos mecanismos e protocolos da prova, tem que acompanhar a mudança, ainda que, no caso presente, se mantenham, com vigor operacional, as traves-mestra do edifício (teoria geral dos campos).

A homenagem

Este é um artigo de homenagem ao sociólogo Pierre Bourdieu. Bastaria a emoção que senti, em muitos sentidos similar ao *coup de foudre* de uma pai-

¹³ Idem, *ibidem*, 180

¹⁴ Vd. José Madureira Pinto (2001) «Ciências e progresso: convicções de um sociólogo», *Cadernos de Ciências Sociais*, 21-22, 36

xão lancinante, ao ler, no primeiro ano da licenciatura em sociologia, as páginas nem sempre fáceis de *Les Héritiers*. E, por motivos que cruzam motivações pessoais e indizíveis com o impulso, então tido como irreprimível, para a análise sociológica do que imediatamente me rodeava (a turma, os colegas, a Universidade, a pedagogia e o poder, a transmissão dos poderes, as irrecusáveis heranças familiares), entendi, mesmo antes de o entender, como a socioanálise conjuga e supera sociologismo e psicanálise

Dirão, alguns, que são páginas demasiado críticas para uma homenagem. Permitam-me que lhes responda com as palavras de Philippe Corcuff: «Com Bourdieu, contra Bourdieu: é talvez uma forma de pensar sempre a partir de Bourdieu»¹⁵

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale «Estado-nação e multiculturalismo», *Manifesto*, 1
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (sem data) *A Reprodução Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Lisboa: Vega
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (1964) *Les Héritiers Les Étudiants et la culture*. Paris: Éditions de Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1999) *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora
- BOURDIEU, Pierre (1996) *As Regras da Arte Gênese e estrutura do Campo Literário*. Lisboa: Presença
- BOURDIEU, Pierre, BOLIANSKI, Luc, CASTEL, Robert e CHAMBOREDON, Jean-Claude (1965) *Un Art Moyen Essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1979) *La Distinction Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1980) *Le Sens pratique*. Paris: Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1996) *Lição sobre a Lição*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas
- CORCUFF, Philippe (2002) «Respect critique», *Sciences humaines – L'Œuvre de Pierre Bourdieu*, número spécial
- JOURNET, Nicolas (2002) «Est-il vrai que rien ne change?», *Sciences Humaines – L'Œuvre de Pierre Bourdieu*, número spécial
- IAHIRE, Bernard (2002) «Prolonger le travail de Bourdieu: des attitudes à la théorie», *Sciences humaines – L'œuvre de Pierre Bourdieu*, número spécial
- IAHIRE, Bernard (1998) *L'Homme pluriel Les Ressorts de l'action*. Paris: Nathan

¹⁵ Philippe Corcuff «Respect critique», *op cit*, 71

- LOPES, João Teixeira (2001) «Do círculo da dominação ao 'milagre' do amor», *Cadernos de Ciências Sociais*, 21-22
- LOPES, João Teixeira (2002), *A Cidade e a Cultura* Porto: Edições Afrontamento
- LOPES, João Teixeira Lopes (1996) *Tristes Escolas* Porto: Edições Afrontamento
- PINTO, José Madureira (2001) «Ciências e progresso: convicções de um sociólogo» *Cadernos de Ciências Sociais*, 21-22